

...
 C CONTO ?
 CONTO . O .
 C N N CONTO
 ! T T !
 O O

EMBALAGEM

Ela chegou com o seu jocoso jeito de perguntar:

- O que estás a inventar?

Respondi-lha: Augures amiga.

Eram olhos oleosos, densos e suspensos de interesse. Escrevia enquanto conversávamos.

- E a vida? Disse-me sem despregar-me os olhos dos olhos e a meus dedos tortos. E não havia como: Vai sem interesses.

Contou-me de suas dificuldades com o mundo prático das novas embalagens:

- Já imaginou que para abrir a caixa de leite deve-se montar uma sala de cirurgia na cozinha, e uma UTI quando tudo der errado.

- Verdade, abrir a garrafa de vinho e entalar a rolha, ter de empurrar para dentro, usar todo tipo de manobra para resolver a eficiência de uma embalagem antiga, imutável e cara. Isso acontece geralmente quando recebemos pessoas em casa.

- Fiquei presa por uma lata de ervilhas quando terminava o rosbife.

- Sério? Encarou-me de sobressalto.

- Hospital! Naquele dia as condições eram totalmente desairosas. Punha os pés pelas mãos, punha-me a todos os perigos e nada acertava.

- É incrível como isso acontece sempre - parece obrigatório - naqueles momentos duvidosos e de incertezas.

- Imagina se desse a chegada de alguém que se ama?

- A mãe.

- A mãe não, que mãe perdoa.

- Seria terrível, realmente chato.

- Não chegou ninguém, ainda bem.

As empresas de embalagens deviam se responsabilizar pelas nossas gafes, pagar na justiça as nossas vergonhas públicas.



Desenho: Lucília Alencastro

- Deviam mesmo.

- Ainda mais quando as embalagens não desistem de se manterem fechadas.

- Certo amigo, no puxar de uma tampa derrubou a lasanha verde na calça azul de uma visita digna.

- Mas deu tudo certo!

- O jantar virou uma sopa de insultos e mal-entendidos.

- Puxa que chato.

- Ele perdeu, eles perderam, todos por causa de um assunto tecnológico e design de embalagens.

- Ficamos com a humilhação, enquanto que as ideias absurdas, os facilitadores de problemas, os negociantes, os industriais com o lucro às nossas custas.

- Pois é. Devíamos fazer greve contra embalagens!

- E é isso...

Olhava-me estranha. Será que causei mal entendido? Não sei. Olhava como quem olha o alho que vai ser frito sem piedade pela péssima cozinheira.

Então a vejo a esconder as mãos no desamparo. Vejo o furtivo movimento de corpo que deseja ficar e partir ao mesmo tempo. Há incongruências nos lábios, sinais na testa antes velada dos assuntos inocentes. Há em si um não querer ser descoberto.

O meu corpo, equilibrado sobre as teclas do computador, mexe lento no arame, o equilibrista das ideias vai deformando pensamento. Penso, ela me olhou diferente.

Qual a razão?

Aqueles movimentos secundados de tensão. Veio a ver-me ou resolver dificuldades? Não interessa porque veio. Está aqui ao meu lado retorcendo-se. Deseja ir ao banheiro, vá; necessita de livro emprestado, pegue; quer dinheiros, avisa-me. Retorce os lábios, vejo um friozinho estampado na testa.

Que vergonha, que diga de uma vez sem rodeios: o computador, a casa, o carro, a minha alma?

Tudo é embalagem. A diferença é a qualidade do produto interior, que só será conhecido para quem souber abri-lo.

Continuou adiante a querer tratar das dificuldades, das aberrações criadas e dos acidentes.

Na hora que a rolha não sai da garrafa, o mestre de cerimônias ri para o vazio. Mas ele

quer dizer: Abra a boca que eu te meto à mão.

A roleta do ônibus que encalhou com uma senhora e seus pacotes. A lata de sardinhas cujo conteúdo espargiu-se sobre a toalha nova. O lacre da caixa do eletrodoméstico que arrebentou na cara do comprador.

A força do olhar era como a bigorna, a espera do ferro quente e da malha cantante. Estava ali ao lado, perto e distante apoiando-se na insegurança, no desespero do naufrago, na angústia dos que estão à morte.

Aguardei resolução sem me mover. E veio então num grito lacrimoso a primeira flecha: - Ajuda-me!

- Ajudo! O que precisar, disse-lhe sem me tornar.

E ela entornou: - Estou com problemas!

Era uma voz fugitiva, daquelas que não desejariam ficar de qualquer lado do muro. O partido a perdoaria se ao menos confessasse o sangue. Mas não havia mortos ainda.

- O que foi? Perguntei sem mais.

- É difícil ter de explicar.

- Mas tentarei entender, em sua homenagem, já que veio até aqui.

Os olhos dela gritavam naquela atitude revolucionária de quem vai pronunciar: Não desisto!

Ergueu a mão com uma garrafa de vinho. A dignidade das mãos foi devorada pelo mercado. Havia empurrado com a colher do açucareiro a rolha para dentro da garrafa. Resolveu pôr o dedo para saber quanto faltava para conquistar o vinho e ficou presa.

Saiu de sua boca um magro: - Ajuda!

Sinceramente, aquilo foi paixão. Em geral, e fora as coisas mesquinhas, abrir o lacre de um pensamento é pelo menos se sentir no direito de repartir. Pensei e aconteceu, depois do vinho abri a embalagem e encontrei uma pessoa rara.